

# **EDUARDO PITTA**

Entrevistado por Maria Augusta Silva

JUNHO 2004

É das vozes mais importantes da poesia e da crítica literária em Portugal. Nasceu em Moçambique (1949). Surgiu em 1974 com *Sílaba a Sílabas* e a sua arte poética impôs-se pela estética, pela inovação. Podem sublinhar-se, entre outros, títulos como *Olhos Calcinados* ou *Archote Glaciar*. Na ficção, destaque para *Persona*. No ensaio, *Fractura* e *Comenda de Fogo e Metal Fundente*.

## **Em todos os autores, de Al Berto a Yeats, que integram o seu novo livro de ensaios, *Metal Fundente*, encontra-se a «linguagem da desordem»?**

Fogem a uma certa ideia normativa, mesmo os que parecem integrados no sistema, seja do ponto de vista ideológico, político, social ou sexual. Do vários material que tinha, esse foi o denominador comum que me fez escolher estes autores e não outros.

## **O território da crítica literária permite-lhe entender melhor os outros?**

De certo modo, estou a conseguir esse melhor entendimento. E se o leitor comum (não falo de especialistas) puder acompanhar o percurso de alguns autores, provavelmente será tentado a procurar mais obras desses autores, vê-los à luz de outros olhos e ser, até, surpreendido.

## **Fraqueja uma formação específica de críticos?**

Não seria tão cético. A generalidade da crítica é, atualmente, apesar de tudo, melhor do que há 15 ou 20 anos. Se lermos os suplementos literários dessa época, encontramos coisas que seriam hoje inadmissíveis, independentemente de três ou quatro nomes muito fortes desse tempo, e alguns continuam a sê-lo. Publicavam-se, no entanto, redacçõeszinhas que não eram nada, estribadas numa linguagem pseudocientífica.

## **Chegará a crítica, hoje, a um número mais alargado de leitores?**

A qualidade média dos agentes da crítica melhorou mas o público alvo afunilou, porque entretanto houve a emergência das televisões, a emergência do audiovisual.

## **Há sempre bodes expiatórios...**

Não são bodes expiatórios, são realidades. Os responsáveis, porém, são os

jornais que não se tornam mais atrativos; a escola, a todos os níveis, que não estimula os alunos. Está a escrever-se melhor, todavia para menos pessoas.

### **Nenhum otimismo quanto a uma evolução positiva desse quadro?**

Não acredito no fim do livro, nem no fim dos jornais, contudo não sou otimista. Vamos tornar-nos uns excêntricos como os filósofos.

### **Sociedades abúlicas?**

Se não houver um enquadramento crítico que acrescente alguma coisa ao senso comum, as sociedades tendem a ficar cada vez mais frouxas e com capacidades de raciocinar e discutir menos fundamentadas.

### **Essa frouxidão dever-se-á mais aos agentes culturais ou pode haver uma pressão política nesse sentido?**

Os autores tendem para se acomodar à situação, acabam por se ir ajustando e adaptando às circunstâncias do momento. Vemos hoje grandes autores a embarcar no facilitismo, numa série de coisas que, se a sociedade fosse mais exigente, eles próprios teriam de pensar duas vezes se deviam ir por ali...

### **Não há mais lugar para manifestos?**

Se a sociedade civil não consegue reagir a coisas importantes do nosso dia-a-dia, os escritores tinham obrigação de preencher esse vazio, mas não acontece. Os escritores são o reflexo da sociedade, e, sendo esse reflexo, embora menos abúlicos do ponto de vista intelectual, acabam por acomodar-se a uma sociedade muito pouco crítica. As nossas elites fecham-se cada vez mais. Tem havido situações importantes na sociedade portuguesa, nomeadamente os últimos casos judiciais, e não vi nenhum escritor tomar posição.

### **Por receios?**

Quem não deve não teme. As pessoas deviam ter tomado posição.

### **Por que não tomou posição?**

As vozes de escritores que a sociedade inteira reconheça são poucas, quatro ou cinco, talvez. E não há, de facto, essa tradição de pôr em questão o que se passa.

### **Crítico, espécie em vias de extinção?**

Não. Até pela lógica de mercado. A sociedade de *marketing* tem necessidade de mediadores, e o crítico é um mediador entre a sociedade e a instância literária.

### **Em certa medida, a crítica pode ligar-se ao psicologismo do crítico?**

Uma coisa tem sempre que ver com a outra, embora o ideal seja tentar afastá-las o mais possível.

### **Segundo Bonati, os juízos da crítica prendem-se sempre com o imaginário do próprio crítico...**

Não podemos fugir à realidade. No que escrevemos, há, por vezes, projeções da nossa vida interior, dos anseios, dos nossos fantasmas. Não é forçoso, porém, que seja assim.

### **Enquanto autor, consegue distanciar-se da crítica aos seus livros?**

Mal de mim se não tivesse ganho algum traquejo e algum distanciamento em relação aos sobressaltos, aos equívocos. Até porque tenho experiência suficiente para saber que, muitas vezes, por detrás dessas manifestações estão coisas que não devem nada à literatura. Tenho ironia e *fair paly* bastantes para perceber como é que o jogo se joga.

### **Tem um perfil irónico, corrosivo, por vezes verrinoso. Como devem proceder os que são criticados por si? Distanciar-se?**

Um autor feito tem obrigação de conseguir distanciar-se. Compreendo que os mais novos tenham, no entanto, alguma dificuldade de o fazer. Em todo o caso, nos meus textos, mesmo quando sou mais acutilante ou mais mordaz, procuro que isso seja apenas entendível por um círculo de pessoas com razoável hábito de leitura e de desmontagem dessas coisas. Nunca escrevi nada que um autor pudesse considerar como um enxovalho. Trato todos no mesmo plano, dos mais novos aos autores consagrados.

### **A crítica rasura muitos nomes...**

Esse é o mais velho exercício de poder: a sistemática rasura de certos autores. Há dias resolvi fazer uma estatística e fui ver os autores de que eu tinha falado nos últimos 17 anos. Cheguei à conclusão que de poetas relevantes só não tinha falado de dois porque não publicaram ao longo desse período.

### **Está particularmente atento?**

Mas não estou a dizer que sou melhor ou mais generoso do que os outros. Agora, um tipo de rasura pela rasura, o não falar-se de A porque é do partido A ou B, ou não falar-se de C porque tem determinadas opções sexuais, por isto ou por aquilo, não, a minha agenda não passa por aí.

### **E a sua poesia é «um grito gritado ao contrário». Esse é o poeta Eduardo Pitta?**

Não sei se esse é o poeta Eduardo Pitta. Um grito gritado ao contrário talvez dê um pouco a ideia do avesso em que a vida de algumas pessoas se transformou ou em que transformaram a vida de algumas pessoas. No interior desse avesso a vida acaba por ser, sempre, um grito gritado ao contrário.

### **Ainda há em si algum avesso oculto?**

Há sempre. Todas as pessoas têm zonas de sombra e não tenho a pretensão de

supor que me exponho todo. Todas as pessoas, aliás, que aparentemente se expõem muito tendem a esconder alguma coisa. A aparente exposição em grande angular é uma tentativa de defesa.

### **A poesia será a mais indomável das literaturas?**

A poesia é uma metalinguagem, e, como tal, permite grande exposição e grandes defesas também. Até nesse aspeto o meu caso é paradigmático: tenho uma poesia mais hermética do que a minha ficção ou o meu ensaio. O meu ensaio é muito claro, a minha ficção passa por ser muito exposta. A minha poesia é, de facto, mais fechada sobre si mesma.

### **Sente-se mais completo na ocultação que passa pela sua arte poética?**

É provável que sim, por esta razão expondo-me de maneira menos legível, provavelmente estou a concentrar um potencial de enunciação que, por ser mais contido, acaba por ter mais força, maior intensidade.

### **Uma intimidade que se dá numa poesia de palavra breve?**

Horroriza-me a retórica, embora haja poesia retórica admirável. A minha natureza é mais elíptica por um lado, e, por outro, tenho a noção da concisão. Andar à volta do assunto não é programa que subscreva.

### **Cada escritor, no dizer de Barthes, defende no que escreve a sua sexualidade. O escritor é, de facto, a sua sexualidade ou pode criar, também aí, ocultações?**

Pode haver ocultações. Temos obras que são exímias na ocultação em todo o sentido: ocultação social, ocultação literária, ocultação ideológica. No meu caso, tento que não seja assim. Mas fazer da sexualidade do autor uma bandeira também não me parece correto. Subscreveria, porém, e de algum modo, a ideia de que o escritor desdobra um pouco a sua sexualidade.

### **Gerou polémica o seu livro *Fractura*, no qual aborda uma escrita de**

## **homossexualidade. Há ou não, nesse caso, o desejo de agitar uma bandeira de comportamento sexual?**

Não há. Esse foi um dos erros de receção da obra. O livro pretende apenas sinalizar uma coisa muito simples: sinalizar as representações de homossexualidade masculina na literatura portuguesa, que são várias, têm mais de cem anos. O livro *O Barão de Lavos* (1891), de Abel Botelho, é a primeira representação explícita de homossexualidade.

## **Por que fala então de «fratura»?**

A fratura é a *nuance* que existe entre aquilo que no mundo anglo-saxónico se chama *literatura gay* e em Portugal considero ser apenas homotextualidade. O meu ensaio *Fractura* foi escrito a partir da dúvida que suscitou um debate no âmbito de Coimbra Capital da Cultura. Perguntaram-me se havia *literatura gay* em Portugal. Eu disse que não tinha tanto a certeza disso, o que me parecia existir era uma *literatura homossexual*. Esse ensaio tentou explicar a diferença entre *literatura gay* e *literatura homossexual*. Por outro lado, há sempre fratura porque se verifica um desvio da norma, embora estejamos a falar de representações literárias e não a fazer sociologia ou antropologia.

## **Fratura também pode haver no tecido heterossexual...**

Pode e há.

## **Usar essas fraturas em termos criativos não levará a estigmas maiores?**

A literatura, se não passar por um conseguimento que a justifique como literatura, não é literatura. A literatura ou é ou não é. Mas uma vez sendo, não há mal nenhum em criar-se um subgénero literário. Aliás, seguindo a classificação do prof. Aguiar e Silva, tratar-se-ia de um «modo literário», tal como, por exemplo, acontece com a *literatura de viagens*.

## **A sua obra é marcada pela pulsão do corpo. Uma relação intensa com o**

## **corpo será pelo medo de o perder?**

Não penso na ideia de perder o corpo. A ideia de morte, contudo, perturba-nos a todos, não necessariamente a pensar no corpo, sim a pensar no todo. Pessoa dizia que morrer é só deixar de ser visto. É um pouco essa ideia de deixar de ser visto que inquieta. O corpo perturba-nos com coisas mais prosaicas. Por exemplo, todos nós aos 50 anos descobrimos que não temos 19...

## **Declínio da sexualidade é o mais perturbador?**

É. E a literatura e outros artifícios, de natureza intelectual ou não, são truques para escapar a essa desaceleração do corpo.

## **Não tem publicado poesia depois de haver reunido a maior parte da sua obra em *Marcas de Água*. Está cansado?**

Não estou cansado da poesia, são fases. Há imensos autores com obras breves e nem por isso deixam de ser fortes. A obra central de Celan é relativamente breve, e Cesário Verde, um só livro... Não estou a comparar-me, é apenas para dizer que a força de uma obra não se mede pela sua extensão. E tenho escrito ficção e publicado poesia na revista *Inimigo Rumor*. Não desisti da poesia, não desisti de a pensar e de a organizar.

## **Pensamos mais por signos em poesia ou na ficção?**

Tendo a sacralizar pouco os géneros literários, todos eles valem por si.

## **Para o título do seu novo livro *Metal Fundente*, vai buscar um verso de Mário Cesariny. Inspiração?**

Cesariny é uma figura admirável de poeta.

## **Gosta mais do poeta ou do pintor?**

Prefiro-o como poeta. Só num país como Portugal é que um poeta da sua estatura não foi ainda premiado, uma vergonha! E quando digo que estas coisas têm que ver com o homem civil que está por trás do poeta Cesariny, respondem-me que estou a ver fantasmas...

### **Acha que há uma vingança?**

Não vingança. É uma questão de discriminação pura e simples.

### **Discriminação sexual?**

Obviamente.

### **Al Berto, por exemplo, foi premiado...**

Mas a postura de Al Berto, apesar de tudo, foi menos incómoda do que tem sido a de Cesariny, considerado por muita gente o maior poeta português vivo. E isto é repetido por pessoas de todas as gerações, de todas as tendências, mas não tem tradução ao nível institucional. Os vários poderes institucionais têm-lhe recusado tudo. Cesariny não precisa de nenhuma licenciatura para ocupar seja que lugar for. As pessoas dirão: *ele não escreve há 40 anos...* Nem é verdade, o último livro de Cesariny é de 1989, todavia, mesmo que fosse verdade, existem prémios para distinguirem uma carreira.

### **Cesariny é um nome do movimento surrealista. Admite má vontade contra o surrealismo?**

Também. Os surrealistas foram sempre olhados um pouco como os primos pobres da família...

### **Poderá a poesia ajudar a dessacralizar ideologias?**

A poesia dessacraliza mas nunca é alheia a uma ideologia. Num sentido ou noutro, há sempre uma ideologia por trás da poesia, por mais neutra que ela

pareça. Mesmo o poeta que, aparentemente, fala do sexo dos anjos está sempre a fazer profissão da sua ideologia. Essa coisa da arte pela arte não existe.

### **Como situa ideologicamente a sua arte literária?**

O simples facto de fazer a afirmação da minha natureza sexual traz implícita uma carga ideológica forte. Ideologia não tem só que ver com partidos, prende-se com a postura das pessoas no mundo, na sociedade.

### **Tem pago algum preço por isso?**

Não penso muito nessas coisas, mas se calhar algumas reticências haverá aqui e ali por causa disso.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*